

DIONYSSOS

ORGÃO DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE



ANO I - OUTUBRO DE 1949 - Nº 1

O DRAMATURGO MILAN BEGOVIC

— Aldo Calvet —

NO ANO DE 1945, representou-se pela primeira vez no Brasil, em lingua portuguesa, uma obra dramática de Milan Begovic — “Um aventureiro diante da porta». Ainda que não se tratasse de um trabalho inteiramente inédito para o público carioca, pois já tinha sido levado à cena em uma única exibição, no Teatro Municipal, no ano de 1937, pela Companhia de Arte Dramática Italiana do famoso Antonio Bragaglia, a divulgação do notável poeta iugoslavo constituiu indubitavelmente um esforço digno de louvores pela contribuição que prestou à cultura artística do nosso país.

Milan Begovic é, por conseguinte e apesar de tudo, um nome quase desconhecido das nossas platéias, pelo menos da maior parte dos frequentadores dos teatros da Cinelândia, onde pudesse talvez permanecer com surpreendente êxito uma peça de sua lavra, dando assim ensejo a que seu prestígio de teatrólogo se impusesse no conceito dos afeiçoados da arte de Tália entre nós.

Tal, porém, não aconteceu. Ou porque criasse determinadas dificuldades para as traduções ou porque escrevesse apenas no idioma pátrio.

Milan Begovic nasceu em 19 de Janeiro de 1876, num subúrbio da Dalmacia denominado Vrlika. Seis anos, portanto, depois de haver a Áustria proclamado a independência e anistia dessa região. Estudou línguas românicas em Viena e Florença. Em fins de 1908, ocupou a cátedra dos idiomas italiano e croata, na Escola Real Superior de Spalato, transferindo-se no ano seguinte para Hamburgo, onde se tornou dramaturgo do *Deutsches Schauspielhaus*. Ainda como dramaturgo voltou à Viena, seguindo mais tarde para Zagabria e lá fixando residência desde 1920; primeiro, empregou-se como professor de arte dramática, e depois, como diretor do Teatro Nacional.

Iniciando a sua carreira de escritor, Begovic — ainda jovem — escondeu-se sob o pseudônimo de Xeres de la Maraja que figurou como autor do seu primeiro volume lírico intitulado «*Knjiga Boccadoro*», em cujas páginas, afirmam os biógrafos, se percebe acentuado reflexo da cultura italiana pelo lirismo volutuoso e sensual do poema. Muito mais ainda se fundamenta essa assimilação cultural quando chegam à conclusão de haver perfeita semelhança, tanto na forma como na idéia, desse seu trabalho de estréia com os poemas dannunzianos. No entanto, tempos depois, seguindo a sua inspiração natural, Begovic perde essa influência literária e produz outras obras que imediatamente põem a salvo a sua reputação de escritor.

Não contente com êsses triunfos incontestáveis, lança «Myrrha», e logo após, «Gospodja Valewska». Ai então, libertando-se completamente de qualquer analogia porventura ainda existente, consagra-se em definitivo como autor dramático de primeira linha. Finalmente, em 1926, escreve «Pustolov prred vratima», cuja versão portuguesa do Sr. Humberto Cunha foi representada no Teatro Ginástico pela «Comédia Brasileira» com o título de «Um aventureiro diante da porta». (A tradução da peça, ao que se sabe, foi feita do italiano. Desconhece-se, porém, o tradutor do iugoslavo. A respeito escreveu uma crônica o crítico Bandeira Duarte debatendo o assunto).

«Um aventureiro diante da porta»... eis uma história de ação e movimento na qual apenas existem três figuras reais: a pequena enfeirma, o médico e a enfermeira. Todas as demais personagens são frutos da imaginação num breve instante de lucidez. Durante esse curto espaço a jovem agonizante sonha e o sonho toma forma e expressão da vida de conformidade com os desejos ou caprichos outrora alimentados. Muito embora apareçam diversos caracteres em indivíduos tantos, a estrutura psicológica da peça se mantém inalterável conservando sempre um equilíbrio perfeito entre a feminilidade emotiva e o fundo filosófico por vezes dominado de intenso misticismo que faz com que o autor transcenda os limites do mal e do bem.

Assim acontece com a personagem máxima de «Um aventureiro diante da porta», a qual ama um apaixonado desconhecido como se, no estertor, transferisse o equivalente sexual psíquico e se deparasse, enfim, no estado de sublimação de que nos fala Boch.

Seria, por acaso, Ana Maria (nome da tradução) uma enamorada das suas relações consanguíneas? Ela está em plena puberdade, logo! Adotando as doutrinas freudianas é possível que a fantasia de amor seja o reaparecimento de suas inclinações infantis. E aquela ansiedade eterna de encontrar o bem amado? Mas encontrá-lo como, se é apenas um reflexo do ego enamorado de si mesmo?

Wittels afirma que o temor de uma doença e a enfermidade determinam um acréscimo de narcisismo no indivíduo.

Ana Maria, ao embevecer-se pela música, sonha durante esse pequeno repouso. O sonho é, pois, uma realização de desejos. Assim o dizem os psicanalistas. Nada mais natural que se centralize todo o conflito da comédia em desdobramentos de afetos contrários e favoráveis. O tema da peça nada mais é senão a repetição desses mesmos afetos que acompanham a figura dominante por diversos ambientes.

O velho professor de arte de representar de Zagabria conhece bem os segredos da complicada literatura dramática, por isso soube tratar o assunto com os imprevistos emocionais precisos sem deturpar a psique de sua primeira personagem. Tudo corre por conta da imaginação da pequena enfeirma de maneira espontânea como se realmente não fosse aquilo uma transparência da vida.

Hoje mais que em 1945, o teatro de Milan Begovic deve encontrar entre nós melhor clima para a sua expansão.